

TESCARI NETO, Aquiles. **Sintaxe Gerativa. Uma introdução à cartografia sintática.** Campinas: Editora da Unicamp, 2021. 213p.

Carlos Felipe PINTO¹

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/gel.v21i1.3703>

Introdução

Chomsky (1957) define a sintaxe como o estudo dos princípios e processos através dos quais sentenças são construídas em línguas particulares e faz uma discussão sobre como a sintaxe das línguas naturais pode ser modelada em termos formais. A partir de Chomsky (1965), com o desenvolvimento da Teoria Padrão da Gramática Gerativa, o autor propõe uma análise sintática em constituintes imediatos, o que culmina com a proposta de Kayne (1981, 1984) sobre as árvores em galhos binários adotadas a partir do modelo de Princípios e Parâmetros de Chomsky (1981).

Nesse modelo paramétrico, a estrutura oracional em constituintes imediatos é dividida em três camadas principais: CP (*Complementizer Phrase*), responsável pelo nível pragmático-discursivo (modalidade oracional, força ilocucionária, seleção oracional etc.); IP (*Inflectional Phrase*), responsável pelo nível gramatical (concordância, tempo, aspecto, negação...); VP (*Verb Phrase*), responsável pelo nível lexical (predicação verbal).

A Teoria de Princípios e Parâmetros estimulou a comparação entre diferentes línguas bem como entre diferentes fases de uma mesma língua devido à sua proposição de que a faculdade da linguagem é composta por um conjunto de princípios invariáveis comuns a todas as línguas humanas e por um conjunto de parâmetros abertos à variação, o que caracterizaria a diferenciação entre as gramáticas das diferentes línguas.

A partir do Programa Minimalista (Chomsky, 1995), a variação paramétrica foi definida como associada aos traços do léxico funcional das línguas, uma vez que o esperado, como apontou Chomsky (1981), é que as línguas apresentem pouca ou nenhuma variação no componente semântico. O trabalho pioneiro de Pollock (1989) mostrou que diferenças

¹ Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador, Bahia, Brasil; cfpinto@ufba.br; <https://orcid.org/0000-0002-4322-0199>.

- | Sintaxe Gerativa. Uma introdução à cartografia sintática (resenha)

aparentemente não relacionadas entre o inglês e o francês poderiam ser reduzidas a um único valor paramétrico. Assim, o autor mostra, por exemplo, que o inglês possui a ordem S-Adv-V-O e o francês possui a ordem S-V-Adv-O explicando, grosso modo, que a razão é que o verbo se move para IP no francês, mas não no inglês. O trabalho de Pollock (1989) também mostrou, considerando o contraste entre orações finitas e não finitas do francês, que IP não é composto de uma única camada, mas deve ser composto em outras como AgrP (*Agreement Phrase*) e TP (*Tense Phrase*).

Rizzi (1997) inaugura o que ficou conhecido como “cartografia das estruturas sintáticas, com o objetivo de mapear o refinamento do campo CP nas línguas naturais a partir do estudo das funções pragmático-discursivas, seguido por Cinque (1999), que tenta mapear o campo IP considerando os diferentes posicionamentos dos advérbios em relação ao verbo.

Parece haver inicialmente uma contradição entre o modelo cartográfico, que expande as categorias funcionais seguindo o princípio de um núcleo para cada traço, com a economia derivacional semanticamente motivada do Programa Minimalista. Cinque e Rizzi (2008) solucionam o empasse teórico argumentando, entre outras razões, que, enquanto o Programa Minimalista se concentra na investigação sobre as operações disponíveis na faculdade da linguagem, o Programa Cartográfico se concentra na arquitetura das projeções funcionais disponíveis nessa mesma faculdade da linguagem.

Embora tenham sido encontrados desde o começo dos anos 2000 diferentes trabalhos explorando a periferia esquerda no português brasileiro, o livro que aqui se apresenta constitui um material inédito por duas razões: a) é o primeiro que explora, em português, o “campo do meio” (*middlefield*); b) é o primeiro que oferece efetivamente uma introdução à metodologia do estudo sintático na perspectiva cartográfica em português. Assim o livro *Sintaxe gerativa. Uma introdução à cartografia sintática*, de Aquiles Tescari Neto, publicado em 2021 pela Editora da Unicamp, se caracteriza como um material de referência obrigatório para os estudantes e pesquisadores brasileiros interessados no estudo da cartografia sintática, de qualquer língua natural.

O livro tem 213 páginas nas quais estão contidos: um prefácio feito por Sandra Quarezemin (UFSC/CNPq); uma apresentação e uma introdução; cinco capítulos; as considerações finais; as referências bibliográficas. Cada capítulo se inicia com um breve resumo e termina com uma recapitulação, sugestões de leituras e uma série de reflexões que os leitores podem fazer a partir das discussões apresentadas.

A seguir, farei uma breve apresentação da obra, na qual destacarei apenas os aspectos principais, e, em seguida, passarei aos comentários gerais, ponderando sua importância e relevância para o desenvolvimento dos estudos cartográficos no Brasil.

Apresentando a obra

A “Apresentação” faz uma apresentação, como era de se esperar, dos contextos nos quais a obra foi concebida e escrita. A “Introdução” coloca a agenda da cartografia das estruturas sintáticas no cenário da pesquisa gerativista e resume o conteúdo dos cinco capítulos.

O primeiro capítulo, “Cartografia sintática: uma introdução”, apresenta as bases do modelo teórico da cartografia sintática, que tem como objetivo principal, paralelamente na perspectiva geográfica, a identificação ou construção de mapas detalhados da estrutura sintática das línguas naturais. Este capítulo faz uma breve recapitulação histórica do estudo cartográfico e suas motivações empíricas a partir do estudo comparativo entre diferentes línguas.

Nessa revisão, Tescari Neto (2021) aponta que o modelo cartográfico se sustenta nas seguintes bases epistemológicas (ver autores citados lá): a) a teoria da assimetria; b) as diferentes camadas das periferias esquerda e direita e as periferias do domínio nominal; c) as camadas do *middlefield* (espaços do IP) e as camadas da expressão nominal; d) a estrutura em camadas aos sintagmas preposicionais; e) o princípio de que para cada núcleo há apenas um único traço.

Um ponto crucial a favor da cartografia sintática é encontrado no fato de que, em muitos casos, a permuta de ordens $A > B$ e $B > A$ não é possível. As categorias funcionais são universais e este parece ser um ponto incontroverso entre os pesquisadores. Assim, mesmo que uma língua não exiba explicitamente um determinado traço linguístico, se outra língua o materializa, esse traço está presente em todas as línguas invariavelmente. As categorias funcionais são “primitivos da gramática”, ou seja, já estariam codificadas nas bases da GU, como integrantes da faculdade da linguagem.

O segundo capítulo, “Classes, categorias e hierarquias: o Princípio do ‘One Feature, One Head’ na metodologia da Cartografia”, discute precisamente a premissa/princípio básico da definição cartográfica de que há um único traço para cada núcleo funcional. Logo no início da discussão, é apresentada a hierarquia funcional dos advérbios proposta por Cinque (1999), que será utilizada/assumida ao longo de todo o livro.

- | Sintaxe Gerativa. Uma introdução à cartografia sintática (resenha)

O expediente utilizado para demonstrar esse princípio tem dois ingredientes principais: a) a premissa de que membros de uma mesma categoria/classe não podem coocorrer; b) a coocorrência de membros de classes distintas só é possível em uma única ordem (que reflete o posicionamento deles numa hierarquia de base).

Para a cartografia sintática, uma categoria é a realização morfofonológica ou não de um traço conceitual. Tescari Neto (2021) ilustra essa questão a partir da hierarquia dos advérbios de Cinque (1999), mostrando que advérbios do mesmo tipo não podem coocorrer na oração. Essa perspectiva leva à consideração de que os advérbios constituem classes diferentes e, nessa mesma esteira, é possível compreender a ordenação dos adjetivos dentro do sintagma nominal. Outro exemplo é dado a partir da marcação de tempo e aspecto na língua Medumba, da família bantu, na qual as partículas que expressam essas categorias aparecem exatamente na ordem tempo>aspecto. A partir dessa discussão, o capítulo se encerra com diferentes testes mostrando que elementos da mesma categoria não podem coocorrer.

O terceiro capítulo, “Metodologia Cartográfica: desenho de mapas e diagnose da posição de constituintes sintáticos”, apresenta a metodologia utilizada no modelo para determinar as diferentes projeções funcionais, sua hierarquia e universalidade. O capítulo retoma o contraste apresentado por Pollock (1989) sobre o francês e o inglês como evidência para as hierarquias na estrutura sintática. A seguir, apresenta testes de precedência-e-transitividade para o diagnóstico das diferentes posições. A ideia básica do teste é: se Adv1>Adv2, *Adv2>Adv1, Adv2>Adv3, *Adv3>Adv2; então Adv1>Adv2>Adv3 (ou seja, mesmo que não seja observada a coocorrência de todos os advérbios, é possível prever que *Adv3>Adv1)².

Esse método não se aplica apenas para discutir a ordem de diferentes categorias, mas serve também para identificar a posição de outros constituintes na oração. Por exemplo, a partir do posicionamento relativo do verbo com os diferentes advérbios, é possível diagnosticar a posição relativa do verbo na estrutura oracional (ou seja, que categoria funcional está abrigando o verbo na sintaxe visível). Para ilustrar esse aspecto, Tescari Neto (2021) oferece uma discussão comparativa entre diferentes línguas românicas.

O quarto capítulo, “Derivando sentenças em Cartografia: Parte I”, tem o objetivo de derivar sentenças na perspectiva cartográfica. Assume-se que os advérbios ocupam posições de especificadores de núcleos funcionais, o que torna a abordagem cartográfica compatível com a derivação através de movimento nuclear ou sintagmático. O capítulo

2 Recapitulando: o símbolo * antes do dado indica que o dado/oração é agramatical; ou seja, não é produzido por aquela gramática específica.

mostra que a relação estreita entre as diferentes classes de advérbios e os núcleos funcionais permite diagnosticar ou fazer previsões sobre a ordem de palavras em diferentes línguas, indicando que os tipos de advérbios que possam aparecer entre verbo e objeto ou à sua esquerda/direita, indicam, por exemplo, a altura à qual o verbo moveu. O texto ilustra a derivação de uma sentença como “O Giginho tem cavocado de novo com frequência o vaso do vovô”. A derivação faz uso das operações de concatenar/soldar (*merge*) e mover (*move*), como proposto no Programa Minimalista. No nível do VP, o particípio, que carrega o valor semântico do predicado, se concatena com o objeto direto, o DP “o vaso do vovô”. A partir daí, as diferentes projeções funcionais são concatenadas. Primeiro FrequentativeP se concatena com vP e o particípio “cavocado” se move para o núcleo Frequentative. Em seguida, as demais projeções funcionais são concatenadas e o particípio se move, ciclicamente, até AspTerminativeP, cruzando os dois advérbios. O verbo auxiliar é concatenado no núcleo TAnteriorP, que seleciona AspTerminativeP e se move, ciclicamente, até TPastP. O sujeito se move até a posição de especificador de SubjP, que seleciona TPastP.

O autor discute a questão do movimento sintagmático (*remnant movement*) como alternativa para a derivação das estruturas e, para isso, o restante do capítulo toma como base a discussão sobre a assimetria direita-esquerda nas línguas naturais, exemplificada pelo Universal 20, que diz que, quando dois ou mais modificadores precedem o nome, eles sempre serão encontrados nessa mesma ordem. Se esses elementos seguem o nome, a ordem será a mesma ou a inversa. Tescari Neto (2021) discute a derivação de estruturas nominais e verbais considerando essa perspectiva. A conclusão parece ser que: se o movimento é de núcleo, a ordem pós o núcleo é igual à ordem antes do núcleo; se o movimento é sintagmático, a ordem pós-núcleo é invertida à ordem pré-núcleo.

O quinto capítulo, “Derivando sentenças em Cartografia: Parte 2”, procura explorar a questão de o movimento sintagmático ser a única opção possível na sintaxe estreita (*narrow syntax*). Como exemplo disso, discute a derivação da estrutura “COM MUITO CARINHO que, rapidamente, a Maria beijou o doguinho”³, que teria na numeração os seguintes itens: {COM MUITO CARINHO}, {que}, {rapidamente}, {A Maria}, {beijou}, {o doguinho}. A ideia central é que apenas sintagmas inteiros sejam movidos. Como a teoria de cópias é assumida, ao mover um XP complemento de um determinado núcleo Y, o que se tem são as operações de copiar esse XP para uma posição de especificador mais alta e deletar a cópia mais baixa. Assim, é possível mover posteriormente o YP com a cópia deletada para uma posição de especificador mais alta, gerando o efeito aparente de movimento nuclear.

³ As maiúsculas indicam que o constituinte está focalizado, ou seja, recebe destaque ou contraste.

- | Sintaxe Gerativa. Uma introdução à cartografia sintática (resenha)

As “Considerações finais” fazem um breve balanço da discussão empreendida ao longo do livro.

Comentários gerais

O livro aqui apresentado é de suma importância para os estudos cartográficos (e além) no Brasil por diferentes motivos que tentarei justificar a seguir. O livro apresenta, de maneira cuidadosa, simples e detalhada, o que constitui o modelo cartográfico, as suas premissas teóricas e a metodologia adotada em cartografia sintática, exemplificando essas questões, nos últimos dois capítulos, com derivações de sentenças do português brasileiro principalmente.

O livro pode ser utilizado tanto em cursos avançados de graduação ou pós-graduação para introduzir os estudantes, após a leitura/estudo de Miotto, Figueiredo Silva e Lopes (2013) e Kenedy (2013), por exemplo, a uma perspectiva mais detalhada do estudo sintático. O livro serve de guia especialmente para alunos que não leem em inglês, língua na qual toda a produção gerativista internacional relevante está escrita. Embora o autor diga, na apresentação, que o livro se destina a cursos introdutórios, o “introdutório” aqui deve ser relativizado: um estudante que não é iniciado no modelo de princípios e parâmetros não tem condições de acompanhar o pensamento apresentado. “Introdutório” aqui deve ser relativizado ao modelo da cartografia sintática.

O texto também é interessante e muito bem construído no sentido de poder ser o fio condutor para discussões de base do modelo gerativista, uma vez que deixa claro que o modelo cartográfico não tem teorias próprias sobre diversos aspectos do sistema computacional necessitando recorrer a diferentes pressuposições teóricas do Programa Minimalista, por exemplo. Assim, caso o livro seja utilizado num curso avançado de graduação ou pós-graduação, poderia ser utilizado como o fio condutor para diferentes debates sobre os aspectos que aparecem no livro, levando os estudantes à leitura de textos originais em inglês sobre as matérias.

Embora o texto se concentre essencialmente no *middlefield* (IP) a partir dos diferentes posicionamentos dos advérbios, os três primeiros capítulos são efetivamente úteis para uma introdução à periferia esquerda da sentença (CP), uma vez que, seja qual for a zona oracional que se pretenda explorar, os pressupostos teóricos e metodológicos são os mesmos.

Ao ser escrito em uma linguagem clara, simples e precisa, mas que, ao mesmo tempo mostra erudição, sofisticação e profundidade, Tescari Neto (2021) oferece um material de primeira qualidade que pode ser utilizado por diferentes públicos e de diferentes maneiras.

O livro pode ser utilizado como um material completo em si mesmo, conduzindo todo um curso. Também pode ser utilizado como fio condutor de um curso no qual outros textos mais especializados serão trazidos como suporte. E, também, pode ser utilizado em partes como suporte teórico e metodológico para a discussão de diferentes aspectos do estudo da ordem de palavras nas diferentes línguas humanas, como a utilização da periferia esquerda, com a complementação posterior de textos específicos sobre essa camada oracional.

O texto é recomendado para todos os públicos interessados em sintaxe gerativa e deve ser apreciado sem moderação.

Agradecimentos

O autor agradece ao CNPq pela bolsa de Produtividade em Pesquisa Nível 2. Processo 317607/2021-9.

Referências

CINQUE, G. **Adverbs and functional heads. A cross-linguistic perspective.** Nova York/Oxford: Oxford University Press, 1999.

CHOMSKY, N. A minimalism program for linguistic theory. *In*: HALE, K.; KEYSER, S. J. (org.). **The view from Building 20.** Cambridge/Massachusetts: The MIT Press, 1995. p. 153-199.

CHOMSKY, N. **Lectures on Government and Binding.** Dordrecht: Foris, 1981.

CHOMSKY, N. **Aspects of the theory of syntax.** Cambridge/Massachusetts: The MIT Press, 1965.

CHOMSKY, N. **Syntact Structures.** Nova York: Mouton de Gruyter, 1957.

KAYNE, R. **Connectedness and Binary-branching.** Dordrecht: Foris Publications, 1984

KAYNE, R. Unambiguous Paths. *In*: MAY, R.; KOSTER, J. (org.). **Levels of Syntactic Representation.** Dordrecht: Foris Publications, 1981.

- | Sintaxe Gerativa. Uma introdução à cartografia sintática (resenha)

KENEDY, E. **Curso básico de gramática gerativa**. São Paulo: Contexto, 2013.

MIOTO, C.; FIGUEIREDO SILVA, M. C.; LOPES, R. E. V. **Novo manual de sintaxe**. São Paulo: Contexto, 2013.

POLLOCK, J. Y. Verb movement, universal grammar, and the structure of IP. **Linguistic Inquiry**, n. 20, p. 365-424, 1989.

RIZZI, L. The fine structure of the left periphery. *In*: HAEGEMAN, L. (org.). **Elements of grammar**. Dordrecht: Kluwer, 1997. p. 281-337.

COMO CITAR ESTA RESENHA: PINTO, Carlos Felipe. Resenha da obra de TESCARI NETO, Aquiles. **Sintaxe Gerativa**. Uma introdução à cartografia sintática. Campinas: Editora da UNICAMP, 2021, 213p. **Revista do GEL**, v. 21, n. 1, p. 299-306, 2024. Disponível em: <https://revistadogel.gel.org.br/>.

Submetido em: 11/12/2023 | Aceito em: 30/01/2024.
